

balho muito importante a ser realizado pela pastoral pesqueira e pela pastoral da terra. Se de um lado é preciso defender o pescador diante das dificuldades do trabalho no mar (p.ex. lutando por melhores condições de vida, mais segurança nos barcos, proibição da pesca predatória, projetos de procriação de peixes e frutos do mar, melhores condições de comercialização etc.), por outro lado, é preciso também estar atento a que sua ida para o mar não seja uma fuga dos problemas da terra. Com efeito, enquanto, no mar, os conflitos são mais marcadamente pessoais, os da terra são mais amplos e demandam mais decisão e coragem (conflitos familiares, sociais, políticos, econômicos, etc.). É na terra que se trava a verdadeira luta pela sobrevivência, com a participação nas organizações políticas e sindicais, no embate com as forças do poder dominante e opressor. Assim, uma visão mais ampla da economia e da política deveria levar o pescador a cuidar mais da sua terra (legalização da posse, horta familiar, enfrentamento com a especulação imobiliária, relacionamento fraterno mas não submisso nem alienado com o turista, manutenção dos próprios valores culturais, etc.).

### Urge também levar o povo a recuperar a memória histórica

Diante da concepção do tempo, vivido mais no imprevisto do que organizado, é necessário aproveitar os momentos gratuitos de conversa no bar, nas festas comunitárias e familiares, na coleta do arrastão, nas horas em que se contam histórias de pescador, nos dias de tempo ruim em que o pescador fica parado... São estes os momentos propícios para a evangelização. Não se deve esperar que eles venham à igreja; é o evangelizador que deve ir a eles. Urge também levar o povo a recuperar a memória histórica, fazendo perguntas sobre seu passado, lembrando acontecimentos e pessoas (como eles bem gostam de fazer), mas interpretando-os à luz do presente. De outro lado, também o futuro deve ser pensado e forjado, por meio de organizações, sindicatos, associações de pescadores e das mulheres de pescadores. Os tempos fortes precisam ser melhor aproveitados com celebrações litúrgicas mais atraentes e chamativas.

Enfim, é preciso fazer ver qual é a contribuição das pessoas no aproveitamento do próprio tempo, no sentido de participar da construção da história da comunidade e da sociedade.

Em sua concepção sobre o mal e o sofrimento, é preciso que haja inicialmente uma verdadeira valorização da realidade sofredora do povo, fazendo ver que é uma realidade que sempre esteve presente na história e que continua hoje. A partir daí, urge contudo ir às causas desse sofrimento, até perceber que nem tudo vem de Deus e da natureza, mas sim, as mais das vezes, é fruto da exploração, da injustiça que os grandes infligem sobre os pequenos, e da própria mentalidade acomodada e resignada destes.

Na organização social, é preciso reconhecer o valor das pequenas organizações (onde se trocam experiências, favores, produtos), buscando evitar ao máximo a competição destrutiva entre eles e favorecendo assim a criação de organizações maiores que se abram para a sociedade mais ampla da cidade, do Estado e do país. Nas pequenas comunidades salienta-se o despertamento de lideranças, um maior conhecimento entre as pessoas; mas também corre-se o risco de guetos bloqueadores de comunicação.

Enfim, o evangelizador deve também ter presente que a cultura açoriana não é somente uma realidade a ser evangelizada. Ela é, também, seja em sua origem, seja em sua forma já uma vez evangelizada, um agente de evangelização. Há muito o que aprender do povo açoriano. Religiosidade de filho fiel no relacionamento com Deus. Hospitalidade e simplicidade no trato com as pessoas. Soberania sobranceira e alegre no uso do tempo. Respeito com os animais e as plantas. Enfrentamento corajoso na defesa dos próprios valores diante do avanço devastador da cultura uniformizada da cidade grande.

Assim, na inculturação da fé, vão se abrindo caminhos de libertação, a serem trilhados tanto pelo povo açoriano como por aquelas pessoas e comunidades que com ele e com sua realidade convivem.

*Endereço dos autores:  
Caixa Postal, 5041 - ITESC  
88041 - Florianópolis - SC*

## A TEOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO NA FESTA DO DIVINO

**José Adilson Campigotto  
e Josino do Amaral**  
Alunos do 4º ano

### INTRODUÇÃO

O litoral de Santa Catarina é profundamente marcado por suas práticas religiosas, em que coexistem diversos níveis de vivência cristã. O Espírito vivificante age nesse meio, gerando vida e transformando o velho em novo.

Tomamos como limite da religiosidade popular a vivência daquilo que está por detrás do conjunto de atos religiosos: cultos, ritos e práticas. Aqui referimo-nos aos festejos do Divino Espírito Santo. Sendo uma festa católica, pretendemos falar concretamente das manifestações do Espírito Santo no catolicismo popular, no litoral catarinense.

Escolhemos a festa do Divino, por ser uma manifestação religiosa típica do nosso povo. Procuramos analisar a produção teológica dos versos populares e a estrutura da própria festa, na busca da teologia de fundo que anima a fé do nosso povo na pessoa e na ação do Espírito Santo.

### HISTÓRIA E ORIGEM DA FESTA DO DIVINO

Para entendermos melhor a teologia da festa do Divino, tal qual é realizada hoje, nas comunidades do nosso litoral, é necessário conhecer, ao menos por cima, a sua origem.

Entre 1282 e 1336 reinavam em Portugal a Rainha Santa, Isabel, e seu marido, o rei Dom Dinis. Segundo Walter F. PIAZZA (p. 31ss), a Rainha, em viagem diplomática, esteve na Alemanha, onde presenciou as quermesses que eram feitas com o fim de ajudar os pobres. Devido a isso há autores que arris-



cam em dizer que a festa do Divino Espírito Santo ou "Império do Divino", festejado em Portugal, tenha origem na Europa germânica: a Rainha, reconhecendo haver muitos pobres em Portugal, teria achado interessante a motivação, trasladando-a para o seu reino. Entretanto, parece não ter sido esse o motivo principal que levou à iniciativa da festa, e sim a disputa do poder. É que Dom Afonso, filho de Dom Dinis, ambicionando o reinado, desentendeu-se com seu pai e a política do reino desandou. Tudo levava a crer que aquele conflito chegaria a uma guerra. A Rainha, preocupada com a situação, procurava apaziguar a briga entre pai e filho. Como o conflito aumentava, ela fez uma promessa ao Divino Espírito Santo: se a guerra não viesse a acontecer, daria a sua coroa para que com ela fossem realizadas as quermesses como na Alemanha. A Rainha vai ao campo de batalha e, conversando com o marido e filho, consegue contornar a situação por um acordo entre os dois. Dona Isabel manda colocar uma effigie da "Pomba Sagrada", na parte dianteira da coroa, também no mastro, guilhões e estandartes, instrumentos do cortejo. Organiza uma procissão com toda a corte até a igreja, para acompanhar a Missa, e logo após começam os festejos. Manda matar dois bois e cozer pães para doar aos pobres. De Portugal os festejos passam para as ilhas dos Açores e, de lá, com a imigração dos casais açorianos no século XVIII, para o litoral de Santa Catarina. Assim começou entre nós a festa do Divino, já tradicional nos Açores e em Portugal.

### BUSCANDO O ESPÍRITO SANTO NO POVO

Fazem parte da festa do Divino as folias. São as cantorias feitas pelos foliões, carregando a bandeira de casa em casa, pedindo esmola e levando a bênção do Divino às famílias. Isso é feito através da cantoria em versos improvisados. Achamos que esses versos seriam um bom material para estudar a concepção popular sobre a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Os versos aqui analisados foram recolhidos no litoral catarinense pelos historiadores Walter F. PIAZZA (p. 51ss) e Pe. José Arturino BESEN (p. 120ss).

Podemos começar com os versos que se encaixam melhor com a doutrina tradicional da Igreja. Com isso, já estamos apontando para o fato de existirem outros, mais independentes. É o que chamamos aqui de teologia popular sobre o Espírito Santo.

A catequese oficial penetra no meio popular, nesta região, no período anterior ao Vaticano II, através dos clérigos, nas pregações, e pelas catequistas leigas que preparavam os fiéis para a recepção dos sacramentos. P. Hélcion RIBEIRO (p. 130) constata que o catolicismo luso-catarinense é proveniente do catolicismo português, vindo de tradição ainda anterior ao Concílio de Trento, cheio de culto aos Santos, de devoções penitenciais, de procissões, com "muita reza e pouca missa", muito sentimental e dramático.

Em meados do século passado começa a chamada "romanização" com a entrada das levas migratórias de alemães e italianos. Este processo visava criar um catolicismo centrado na espiritualidade sacramental, sob maior controle do clero. A Igreja institucional foi-se impondo (RIBEIRO, p. 134).

Note-se que estes versos foram recolhidos em 1951, antes do Concílio Vaticano II:

Venho pedir-esmola  
para este Senhor de verdade  
que é uma das três pessoas  
da Santíssima Trindade. (Pantanal, Fpolis)

Divino Espírito Santo,  
Divino Consolador,  
consolai as nossas almas  
quando deste mundo for!  
(Corrego Grande, Fpolis)

Quando Deus subiu ao céu,  
deixou seus filhos chorando.  
Mandou o Espírito Santo  
Que a todos vem consolando. (Imbituba)

Como se pode observar, os versos seguem os ensinamentos da Igreja. Note-se que, na primeira quadra, o título de Senhor é dado ao Espírito Santo e não a Jesus. Por outro lado, a terceira quadra identifica Jesus com Deus que, tendo subido ao céu, de lá envia o Espírito Santo para consolar seus filhos aflitos. Aqui ainda aparece a teologia do mundo como vale de lágrimas, pois o verso diz que as almas só serão consoladas quando se forem desta vida, embora a terceira quadra já fale de uma consolação ainda neste mundo.

É interessante notar que não são muitos os versos que reforçam a doutrina oficial e mesmo os que o fazem podem trazer misturados outros elementos, como é o caso da quadra 1: um Deus que "pede esmola". Não encontramos nenhum que fale dos outros dons do Espírito, a não ser o da consolação.

Aparecem contradições que poderiam denotar uma catequese mal assimilada, como é o caso desta quadra cantada no bairro Pantanal (Fpolis) em 1951:

"Aqui está o Senhor  
com sua graça divina,  
que nos cria no mundo  
até quando Deus destina"

Pela catequese da Igreja não é o Espírito Santo que é Criador, mas o Pai. É claro que nem tudo que vem do povo, ou pelo fato de vir do povo, é bom. Por outro lado, Jesus louvou o Pai "por ter revelado estas coisas aos pequeninos" (Mt 11,25) e não aos poderosos. Ele escolheu os ignorantes para confundir os sábios. "O vento sopra onde quer e ouves sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim é todo aquele que nasce do Espírito" (Jo 3,8).

### O povo, sem os instrumentos da cultura oficial, vai fazendo sua própria teologia

O povo, sem os instrumentos da cultura oficial, vai fazendo sua própria teologia; e vai expressando sua fé através da música, do canto, da reza, do culto. Vai entendendo Deus à sua maneira, a partir de sua situação social, de sua vida, de sua existência e experiência. Cabe a nós o discernimento, que é dom do mesmo Espírito, para que vejamos os sinais do Reino por onde passa o sopro divino.

Outros versos que trazem elementos não oficialmente ensinados:

"O Divino Espírito Santo  
é um Deus por natureza.  
Não despreza o filho pobre  
pela moda da riqueza" (Capoeiras)

"O Divino pede esmola  
mas não é por precisão."  
Pede para experimentar  
os seus devotos quem são" (Imbituba)

"Vem vindo o Espírito Santo  
Trazendo a sua cantoria.  
Também traz em seu poder:  
paz, saúde e alegria" (Capoeiras)



Aqui aparecem elementos que, para a época anterior ao Concílio (1951), são bem sugestivos. Essa teologia popular fala do Divino como Deus que age na história e que traz a paz, saúde e alegria (v.3), que realiza a promessa de Deus da existência feliz para seus filhos. Deus Espírito Santo se faz pobre (v.2), pois "mesmo sem ter precisão pede esmola", para depois reparti-las com os pobres no dia da festa. É um modo de mostrar que existe fome e onde tem fome há injustiça. Aquele que acumula e não partilha não é bom devoto (v.2). O Espírito Santo toma partido pelo pobre e não pelo rico. Ele não despreza o pobre pela riqueza, e mostra o fosso existente entre as condições rico-pobre. Sendo Deus por natureza (v.1), é o verdadeiro Deus que caminha junto com seu povo.

Hoje, depois do Vaticano II e de Puebla, o Espírito continua a nos mostrar a brecha entre ricos e pobres. Anuncia a necessidade de realizar a justiça para alcançarmos uma existência feliz. E a esmola que o Espírito nos pede é a conscientização, a organização, para a mudança e transformação das estruturas de pecado.

## DUAS IDÉIAS BÁSICAS DA FESTA DO DIVINO

Analisando os festejos do Espírito Santo no litoral caritarinense, e levando em conta o histórico da origem em Portugal e nos Açores, tiramos duas chaves que nos servirão como base de interpretação: o Reino da abundância, e a realização da promessa do Reino pelo Espírito Santo.

### 1 - REINO DA ABUNDÂNCIA

Na cultura celta, como aliás em outras culturas, existia um culto do Imperador e uma espécie de mística imperial que fazia com que o Imperador ocupasse o lugar de Deus, e que o tornava o lugar da justiça. Segundo Antonieta COSTA (p. 7s), essa tradição ainda é presente na Península Ibérica.

#### a) o pobre ocupa o império

"Queremos que sejas feliz,  
menina de fino encanto:  
passaste a Imperatriz  
por graça do Espírito Santo" (Ilha Terceira - Açores)

Em nossas freguesias, onde se realiza a festa do Divino com a finalidade de realizar uma solenidade mais vistosa e comentada que as anteriores ou vizinhas, começou a prática seguinte: Escolhem-se os mais ricos para serem o Imperador. Mas no início não foi assim. Segundo os comentários populares, desde o começo, quem era escolhido como Imperador, dono, personagem principal da festa, era um pobre, e escolhido no ato, especialmente para isso.

No dia da festa, que é precedida pelas novenas, cantorias ou folias, das quais falaremos adiante, acontece a coroação do Imperador. Existem variações de uma comunidade para outra: no primeiro caso é eleito ou indicado um homem para ocupar o trono do Imperador, trono que será posto em destaque dentro da igreja ou numa miniatura de Império construído especialmente para esse fim. O Imperador, vestido de roupas de gala e com cetro na mão, é acompanhado pelo casal de "padim" (um casal de crianças que representam o rei e a rainha); acompanha a missa e a festa. Em outras comunidades é escolhido apenas o casal de padim, não existindo a figura do Imperador.

---

**É nesse sentido que podemos dizer:  
o pobre ocupa o império**

---

É nesse sentido que podemos dizer: o pobre ocupa o império. Numa representação religiosa, alguém que não é governante legalmente constituído, toma esse lugar. É o poder tirado das mãos das velhas oligarquias. É uma representação cultica do Magníficat: "Derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes" (Lc 1,52).

Há uma relação que está presente, conscientemente ou não, com o governo realizado na justiça. O reinado é ideologicamente fundado na personificação do juízo, da justiça. A idéia do príncipe maquiavélico é muito mais palaciana, embora a prática seja aplicada e sentida fora dos palácios.

#### b) o pobre governa com justiça

"O Divino Espírito Santo  
É um Deus por natureza.  
Não despreza o filho pobre  
pela moda da riqueza" (Capoeiras)

A festa do Divino caracteriza-se pelo modo de organização laica. O Imperador é o responsável por toda a organização da festa, inclusive pela contratação do padre que vai presidir à missa. Ele distribui as diversas tarefas. Nas comunidades que têm irmandades, são elas que tomam o lugar do Imperador organizando a festa como tal, as cerimônias, as folias, as barracas, nomeando os responsáveis pelos trabalhos, etc.

Hoje, na maioria dos casos, os párocos estão tentando clericalizar a festa, no sentido de que as principais decisões estejam sob o seu controle e que a festa reverta em lucro para a paróquia, o que tem causado diversos atritos.

O fato de um pobre ser elevado ao título de Imperador constitui um exercício de justiça. É a descentralização do poder na distribuição das tarefas e participação comunitária. É exercício de justiça no sentido de que alguém do povo está no poder e o poder está no meio do povo.

A justiça acontece concretamente e é visivelmente detectada quando há vida digna para todos, quando os miseráveis são tirados de sua penúria. Quando o pobre exercita o poder, acontece a abundância de pão.

Isso é experimentado de maneira concreta, embora não no espaço próprio da administração política, mas neste espaço da festa onde se fundem sagrado e profano, política e religião, sofrimento e alegria.

#### c) o pão é distribuído

"Agradeço ao bom devoto  
a sua boa franqueza:  
para nós se alimentar,  
já supriu a sua mesa  
em louvor de Deus sagrado,  
que é Pai de toda grandeza" (Mirim, Imbituba)

Outro ponto significativo da festa são as atividades relacionadas com o pão. Durante os dias que antecedem, os foliões passam nas casas pedindo prenda (donativos). Hoje, com raríssimas exceções, todas as doações, inclusive as feitas em cumprimento de promessas, são leiloadas durante as novenas e o dinheiro é revertido em benefício da paróquia. Aqui não é raro acontecer, novamente, atritos entre o pároco e os promotores e participantes da festa, pois este sentido utilitário da festa é estranho à cultura açoriana.

Desde seu início, o ponto alto da festa era o "bodo", onde tudo o que havia sido recolhido como doativo era distribuído entre os participantes. Seguiu então a comilança. Na festa que deu origem à folia do Divino, carne e pão eram distribuídos em um banquete para os pobres (BESSEN, 52; 121). Foi ficando marcado nesta cultura o sentido da festa como festa, como partilha, como alegria proporcionada pela abundância. É a fartura



vinda da milagrosa colheita da partilha. É a realização da profecia cantada por Maria no Magnificat: "Saciou de bens os famintos..." (Lc 1,53)

Outro dado a ser analisado é a questão das "massas de trigo". É que nas comunidades do litoral entrou o costume de oferecer-se, em pagamento das promessas feitas ao Espírito Santo, massas feitas de trigo em forma de boi, bezerro, leitão, mão, pé, etc. A promessa é feita da seguinte maneira: se o animal está doente, o devoto faz a promessa de que, se sarar, dará uma massa representando o animal doente. Isto pode ser entendido como uma racionalização do sentido da promessa. Por outro lado, pode haver aí um ato de protesto (?) pelo fato de a pessoa não ter condições para doar um animal de verdade. Pode ser também um protesto para que a festa volte ao sentido original, pois seria muito mais significativo fazer uma doação para toda a comunidade, da qual também a pessoa faz parte, do que doar a massa para a paróquia.

#### **d) na partilha, a antecipação do Reino**

"Vem vindo o Espírito Santo  
trazendo sua cantoria.  
Também traz em seu poder  
paz, saúde e alegria" (Pescaria Brava)

### **Agora, ao invés da partilha, aparecem a divisão e a acumulação**

Cantoria, diversão, comer, rezar, pagar as promessas, são aspectos fortes da festa. Tudo isto é estar de bem com os outros, consigo mesmo, com o mundo e com Deus. O importante é estar reconciliado com Deus e com o mundo, com o irmão e consigo mesmo. Neste sentido a festa é um fim e não um meio. Hoje, este sentido é ofuscado pela presença das barraquinhas, onde tudo tem que ser comprado, onde tudo é vendido. Aí, quem pode comprar, alegra-se e festeja; quem não pode, olha e deseja. Os pobres ficam de fora. Agora, ao invés da partilha, aparecem a divisão e a acumulação.

Mas não é isto que o Divino "traz em seu poder". Ele traz "paz, saúde e alegria". Paz é o fruto da partilha, da fraternidade, da ação do Espírito Santo.

A grande boda feita na festa do Divino tem o condão de significar a Boda Eterna, a alegria da volta à Casa do Pai. Torna-se então sacramento do Reino. Os primeiros cristãos realizavam o ágape, a ceia comum (At 2,42 e 4,32; cf 1Cor 10, 16-17).

A Eucaristia é o pão feito corpo de Cristo onde todos somos reconciliados. É sacramento do Reino definitivo. É o pão da bondade divina, do amor de Deus Pai para com seus filhos. Ela realiza já entre nós a promessa da eternidade feliz. A boda do Divino Espírito Santo tem muitas dimensões: é fruto da bondade daqueles que deram as ofertas; é a alegria para a qual Deus chamou todos os homens; é a comunidade reunida em torno da mesma mesa onde se realiza a partilha.

## **2. O ESPÍRITO REALIZA A PROMESSA DO REINO**

O prólogo do evangelho segundo João diz: "No princípio era a Palavra... e a palavra se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,1.14). A Palavra se fez carne e ação em nosso meio. Depois, voltando ao Pai, Jesus mandou o Espírito Santo para continuar a sua obra. Como diz São Pedro no discurso de Pentecostes: "Agora que Ele foi exaltado à direita de Deus e recebeu do Pai o que tinha prometido, a saber, o Espírito Santo, ele o

derramou sobre nós, como estais vendo e ouvindo" (At 2,33). Desse modo, o Espírito Santo age no meio do povo, gerando libertação.

#### **a) Deus visita e caminha com seu povo**

"Deus te salve, o Divino,  
neste abençoado dia!  
É o Divino Espírito Santo  
percorrendo a freguesia" (Ribeirão da Ilha)

Nos dias que antecedem a festa, acontece a folia do Divino como preparação para a grande data dos festejos. Hoje, em muitas comunidades do litoral, não se usa mais a cantoria, saindo somente os foliões com a Bandeira ao som do tambor, que funciona como aviso de chegada, na visita às casas, a fim de pedir as ofertas.

Em outras comunidades conserva-se o antigo costume da cantoria, ao som de instrumentos como o violão, çavaquinho, tambor e rebeca. O versista improvisa a cantoria, que é repetida em várias vozes pelos demais foliões. É nesses versos improvisados que se consegue captar com muita clareza a idéia de que o Divino Espírito Santo é Deus caminhando com seu povo, como é o caso deste verso cantado na casa do festeiro que é o Imperador do Divino:

"Deus te salve, belo trono,  
enfeitado de imagem.  
Aqui está o Senhor Divino,  
está chegando de viagem" (Garopaba)

Esta folia do Divino é toda organizada e executada paralelamente ao controle da Igreja. São leigos que, servindo-se de seus carismas, levam esta prática religiosa adiante, de ano a ano, passando-a de pai para filho. Ali acontece uma produção teológica própria, no sentido de que Deus está no meio do povo e não aprisionado no templo. Deus é um igual, visita as casas, Deus canta, pede esmola, sente necessidade e alegrias. Deus se solidariza e não deixa o homem sozinho; Deus vai criando espírito de fraternidade e comunidade.

#### **b) Deus se faz pobre e pede esmola**

"Recebei quem vem chegando  
com seu resplendor sagrado.  
Faz visita e pede esmola  
pra poder ser festejado" (Imbituba)

É muito viva, na teologia popular açoriana, a memória do Deus feito pobre. Aparece nos ternos de Reis em versos como "Não havia na cidade / um lugar para Jesus", nas imagens dos Santos desfigurados (Senhor dos Passos), nas estórias de que Deus andava como peregrino, etc. Não é um Deus que nasce em berço de ouro mas numa mangedoura; não vive nos palácios, mas anda na ruas, como disse Jesus: "As raposas têm suas tocas, e as aves do céu seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8,20).

Entretanto, não é uma visão fatalista da realidade como constantemente aparece na catequese oficial que deturpa a palavra de Jesus "Pobres sempre tereis entre vós" (Mt 26,11; cf Df 15,11), mas no sentido paulino de que Cristo "sendo rico se fez pobre (1 Cor 8,9). Como se pode ver na seguinte quadra:

"O Divino pede esmola,  
mas não é por precisão.  
Pede para experimentar  
os seus devotos quem são" (Imbituba)

É Deus que se faz pobre, caminha com eles, pede esmola



## É Deus que se faz pobre, caminha com eles, pede esmola

para que a fome dos necessitados seja saciada. É o Espírito que através da caminhada do povo faz acontecer a libertação na justiça e na partilha. Ele convida a todos para experimentar a alegria do Reino.

e) Deus convida à festa  
"O Divino vos convida,  
com toda a sua família,  
ver a Missa do Divino  
no festejo do seu dia" (Imaruf)

Ser convidado para uma festa é ser lembrado pessoalmente, é ser lembrado como membro do grupo que vai festejar. Jesus propôs diversas parábolas em torno do convite para a festa: "Quando deres um banquete, convida os pobres, os estropiados, os coxos, os cegos" (Lc 14,13). Ele mesmo instituiu a grande festa da Eucaristia e nos convida em cada celebração

para participarmos: "Fazei isto em minha memória" (Lc 22,19).

Na folia do Divino, os foliões cantam a presença de Deus no meio deles convidando para a festa, para participar da alegria da comunidade reunida em torno da mesma mesa da partilha. Não é uma festa inventada, puramente humana, que alguém vai dar porque quer e gosta, e convida a quem quiser. Mas é Deus mesmo, na imagem da bandeira e através dos foliões, que convoca para a festa. É quase uma intimação.

### BIBLIOGRAFIA

PIAZZA, Walter F., Edição da Comissão Catarinense de Folclore", Florianópolis, 1953.

BESEN, Pe. José A., São Joaquim de Garopaba, Brusque, 1980.

COSTA, Antonieta, "Festa em louvor do Divino Espírito Santo", Florianópolis, 1987

RIBEIRO, Hércion, "Da periferia um povo se levanta", Ed. Paulinas, SP, 1988

Endereço dos autores:

Cx. Postal 5041 - ITESC

88041 - FLORIANÓPOLIS - SC

# O ESPÍRITO SANTO NA RELIGIOSIDADE POPULAR

Prof. Nereu do Vale Pereira  
Professor de Sociologia na UFSC

## 1. ORIGEM

As festividades em louvor do Divino Espírito Santo, o Império do Divino, a Festa do Divino e outros designativos menos empregados, dizem respeito ao culto do Paráclito segundo a religiosidade popular, associadas a motivos profanos tais como a necessidade lúdica que nossas comunidades catarinenses de origem lusa, experimentam. Com razão dizem os etnólogos que os rituais religiosos, quando brotam da criatividade espontânea das camadas populares, quase num complexo de ligações entre o sagrado e o profano, expressam dupla função: a primeira, de dar exterioridade ao caráter puramente religioso e litúrgico do ser humano, e a segunda, já pela própria escassez de alternativas sociais, de oportunizar momentos de lazer e encontro social.

Do ponto de vista da Teologia, o culto ao Divino Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade, somente alcançou expressão popular, nas comunidades cristãs, a partir dos séculos XII e XIII, na Europa. Com efeito, Gilbert DURAND, no seu estudo sobre a iconografia e a simbólica do Espírito Santo (1), escreve (traduzimos):

"A teologia do Espírito Santo é certamente a mais difícil na problemática teológica do cristianismo. E sobretudo, apesar das definições conciliares (Constantinopla 381, Éfeso 431, Calcedônia 451 e, finalmente, Latrão IV em 1215, onde foi significativamente condenada a exageração paraclética do "triteísmo" de certas correntes joaquimitas), a questão mesquinha e envenenada do **filioque** não só conduziu ao cisma durável que se conhece, como retardou o desenvolvimento da teologia paraclética propriamente dita".

Há os que fazem referência a possíveis festejos populares ao Espírito Santo na Alemanha como também na França, com a instituição das confrarias a ele dedicadas. Dadas as fontes

de referência (que mais adiante serão relacionadas), estamos convencidos de que esses festejos, como nós os vivenciamos, são de origem portuguesa, durante o século XIII/XIV, partindo daí para os Açores, onde alcançou contornos bem populares e até profanos, e depois para o Brasil, África portuguesa e Estados Unidos (estes, mais recentemente).

Os festejos, sem sombra de dúvida, são fruto da religiosidade popular. E se prolongam, normalmente durante três dias, com rituais próprios, obedecendo a um esmerado enredo, que atrai às suas funções, além das Confrarias (Irmandades), todos os fiéis católicos e demais pessoas da comunidade. Seu alcance é universal. O ápice da festa tem por bússola, sempre que possível o acordo do Vigário, o domingo de Pentecostes (épocas e lugares houve que ocorria de domingo a terça-feira).

## 2. DO CULTO AO "DIVINO"

Como vimos, é difícil precisar as origens desse culto popular. Os estudiosos que pesquisamos e que trabalham com etnologia, no campo da religiosidade popular, procuram localizá-lo dentro dos espaços culturais criados pela organização das Irmandades (Maison du Saint-Esprit, na França) e que proliferavam por toda a Europa nos séculos XII e XIII.

Há, ainda, os que atribuem a origem desse culto ao movimento franciscano, já que seu inspirador, São Francisco de Assis (+ 1226), foi amigo das aves e é constantemente representado portando pombas brancas, símbolo cristão do Espírito Santo, em suas mãos ou ombros. Como sabemos, a pomba branca também simboliza a paz. Como o culto popularesco do Divino se materializa pela caridade, com distribuição de pães e benesses aos pobres, infere-se sua semelhança às regras do franciscanismo. Tudo, enfim, é uma resposta aos preceitos cristãos da redistribuição fraterna dos frutos da produção material.

Além disso, segundo a intuição joaquimita (2) em dividir